

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura  
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a  
agricultura**

**Área Temática: Agro-bioenergia/Biodiesel**

**Período de Análise: 01/10/2014 a 31/10/2014**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Carta Capital

**Estagiária: Yohanan Barros**

## Índice

<b>AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL .....</b>	<b>4</b>
<b>ETANOL .....</b>	<b>4</b>
<b>Preço do açúcar deve subir, mas investimentos no setor ainda demoram.</b> Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 18/10/2014.....	4
<b>Usinas de cana já devem mais do que arrecadam em um ano de vendas.</b> Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia. 21/10/2014 .....	5
<b>Nova estimativa reduz, mais uma vez, a previsão de safra da cana-de-açúcar –</b> Folha de São Paulo, Cotidiano. 21/10/2014 .....	6
<b>Usinas de cana fecharam 6 mil vagas em setembro –</b> Valor Econômico, Agronegócios. 23/10/2014 .....	7
<b>Até 15 de outubro, 22 usinas encerraram moagem de cana no Centro-Sul.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 23/10/2014 .....	8
<b>Produção de açúcar sobe e venda de etanol cai.</b> Camila Souza Ramos e Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 24/10/2014 .....	8
<b>O tamanho da crise do etanol.</b> Editorial – O Estado de São Paulo, Opinião. 25/10/2014.....	9
<b>Mais usinas deverão fechar, diz setor de etanol.</b> Maria Cristina Frias – Folha de São Paulo, Colunistas. 26/10/2014 .....	10
<b>Demanda ainda fraca reduz os preços do etanol na usina.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/10/2014 .....	13
<b>Grupo sucroalcooleiro São Martinho anuncia parceria imobiliária em SP –</b> Valor Econômico, Agronegócios. 27/10/2014 .....	14
<b>Sob ameaça, 30 usinas de cana do país têm dívida de R\$ 11 bi.</b> João Alberto Pedrini – Folha de São Paulo, Cotidiano. 27/10/2014 .....	15
<b>Unica diz esperar mais diálogo com Dilma e políticas claras para o etanol.</b> Reuters – Folha de São Paulo, Mercado. 27/10/2014.....	16
<b>Setor sucroenergético terá alta de custos e menos rentabilidade na safra 2014/2015</b> – Site da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 31/10/2014 .....	17
<b>POLÍTICA NACIONAL.....</b>	<b>17</b>
<b>BIODIESEL .....</b>	<b>17</b>
<b>Leilão de biodiesel negocia 645,2 milhões de litros do biocombustível.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 09/10/2014 .....	17
<b>Mudança em leilão de biodiesel gera queixas.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 23/10/2014 .....	18
<b>ETANOL .....</b>	<b>19</b>

<b>Programa de estocagem de etanol tem boa procura.</b> Rafael Rosas – Valor Econômico, Agronegócios. 02/10/2014 .....	19
<b>BNDES deve liberar R\$ 7 bi a usinas.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 22/10/2014 .....	20
<b>Usinas esperam diálogo com Dilma reeleita e política mais clara para etanol.</b> Roberta Samora – O Estado de São Paulo, Política. 27/10/2014 .....	20
<b>Unica aguarda definições do governo sobre o setor sucroalcooleiro.</b> Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 27/10/2014 .....	22
<b>Preço do etanol cai ao motorista de 16 Estados e do Distrito Federal.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/10/2014 .....	23
<b>Estudo aprova gasolina com 27,5% de etanol.</b> Cristiano Zaia – Valor Econômico, Agronegócios. 29/10/2014 .....	23
<b>NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>ETANOL .....</b>	<b>24</b>
<b>Exportação do agronegócio do Brasil recua 4,6% em 12 meses; setor de cana pesa.</b> Roberto Samora – O Estado de São Paulo, Economia. 08/10/2014 .....	24
<b>Etanol no Brasil guiará mercado de açúcar.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 14/10/2014 .....	25
<b>Continua a pressão por apoio ao etanol.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 22/10/2014 .....	26
<b>Brasil dobrará importações de etanol por causa da seca, diz Datagro.</b> Reuters – Folha de São Paulo, Mercado. 23/10/2014.....	27
<b>Etanol brasileiro perde espaço na Califórnia.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 30/10/2014 .....	29

## **AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL**

### **ETANOL**

#### **Preço do açúcar deve subir, mas investimentos no setor ainda demoram. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 18/10/2014**

O cenário para o setor sucroalcooleiro poderia ser melhor com o esperado deficit mundial de açúcar a partir de 2015, mas as preocupações ainda não foram dissipadas.

Queda nos preços do petróleo, política cambial e falta de adoção de mecanismos que deem previsibilidade ao setor são pontos de preocupação. Somam-se a isso as incertezas do clima.

A avaliação é de Plinio Nastari, da Datagro, empresa que reunirá especialistas e representantes desse setor em São Paulo, na segunda (20) e na terça-feira (21), para discutir o momento difícil, principalmente no Brasil, e as perspectivas.

Nastari diz que, após quatro anos de uma produção mundial de açúcar acima do que é consumido, as coisas se invertem. O superavit dará lugar a um deficit, o que ocorrerá já a partir desta safra de 2014/15 -iniciada neste mês. Ainda há divergências sobre o tamanho desse deficit, mas poderá ser de até 3,24 milhões de toneladas, número estimado pela Datagro.

Esse deficit vai gerar uma redução dos estoques mundiais que, no final da safra, será de 42,8% do total a ser consumido, abaixo dos 45,6% da safra que se encerrou.

E, sempre que a relação de estoques e consumo fica em 42%, ou menos, os preços começam a ficar mais firmes, segundo Nastari.

E quem vai fornecer açúcar ao mundo para suprir esses deficit? O Brasil, um dos responsáveis pelo superavit que chega ao fim, terá problemas.

A seca deste ano atrapalhou o desenvolvimento do canavial e haverá uma redução da cana com alta produtividade.

Além disso, a falta de umidade no solo inibiu a renovação dos canaviais. Nastari prevê que a renovação seja de 13% a 15% das lavouras, mas as estimativas eram de 17%.

Na próxima safra, as usinas não contarão com tanta oferta extra de cana-de-açúcar que sobra de um ano para outro. Nesta safra, esse volume foi próximo de 25 milhões de toneladas.

Além disso, a oferta de cana não deverá crescer na safra 2015/16. Ficar igual à desta ou até menor. A estimativa é de uma moagem de 550 milhões de toneladas em 2014/15. A Datagro deverá rever os dados da safra deste ano nesta segunda-feira (20).

Além dos efeitos do clima, as lavouras vão perder rentabilidade no próximo ano devido à redução dos tratamentos agrícolas. Os dispêndios com insumos estão de 28% a 30% inferiores aos do ano anterior, de acordo com Nastari.

Após uma entressafra prolongada, como vai ser a deste ano, parte das usinas deverá postergar o início da moagem para obter uma produção maior da matéria-prima. A reação do setor deverá começar pelo etanol.

Mesmo com a estimativa de deficit mundial de açúcar, o país não retomará os investimentos imediatamente. Isso só ocorrerá quando houver sinais de previsibilidade nos mecanismos de reajustes da gasolina e indicações de que o setor está livre de políticas intervencionistas, afirma Nastari.

O fundo do poço pode estar passando, mas o amadurecimento dos investimentos na indústria sucroalcooleira do Brasil vai demorar de três a quatro anos.

A produção mundial de açúcar é de 170 milhões de toneladas na safra 2014/15, para um consumo de 173,2 milhões. O Brasil deverá produzir 35,7 milhões em 2014/15. Desse volume, 32,3 milhões virão da região centro-sul, segundo dados da Datagro.

\*

## ÁLCOOL

Preço volta a cair na cidade de São Paulo

O álcool recuou para R\$ 1,853 por litro, em média, nos 50 postos pesquisados pela Folha em São Paulo. Mesmo com a queda -de 0,7% na semana-, o valor do etanol se mantém em 65% do da gasolina. Isso porque há uma boa oferta de gasolina, o que reduziu o seu preço em 0,11%.

---

### **Usinas de cana já devem mais do que arrecadam em um ano de vendas. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia. 21/10/2014**

*Levantamento da Unica mostra que situação financeira de boa parte das produtoras de açúcar e etanol está complicada; relatório do Itaú BBA mostra que as dívidas das usinas cresceram 19 vezes na safra 2013/2014 em comparação com o ciclo 2002/2003*

As usinas de açúcar e etanol do País devem encerrar esta safra, a 2014/2015 (de abril a março), devendo 110% de seu faturamento, de acordo com a União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica). A receita para o ciclo é estimado em cerca de R\$ 70 bilhões. "As empresas vão fechar a safra devendo em torno de R\$ 77 bilhões", disse ao 'Estado' Antonio de Pádua Rodrigues, diretor técnico da Unica.

Altamente endividadas, como reflexo dos investimentos em expansão de novas unidades, sobretudo entre 2003 e 2008, quando o consumo de etanol no mercado interno foi impulsionado pelos carros flex (que usam etanol e gasolina), as usinas continuaram tomando dívida para renovação de seus canaviais, mecanização da colheita de cana, afirmaram especialistas do setor.

A crise do setor começou a se agravar a partir de 2009, o que gerou uma onda de consolidação, com forte entrada de grupos estrangeiros, a exemplo da francesa Louis Dreyfus, dona da Biosev, e a indiana ShreeRunuka. Esses dois grupos também estão com alto grau de alavancagem. Aliada à má gestão de uma boa parte das empresas, o não reajuste dos preços da gasolina, que tirou a competitividade do etanol, afetou

grande parte das usinas. Neste ano, a queda dos preços do açúcar piorou a situação das empresas.

Levantamento feito pelo banco Itaú BBA mostra que na safra passada, a 2013/2014, a dívida líquida de 65 grupos, que responderam pela moagem de 428 milhões de toneladas de cana (72% do total), atinge R\$ 45 bilhões. Esse valor cresceu 15% sobre o ciclo anterior e deverá ser entre 8% e 10% maior nesta safra, afirmou Alexandre Figliolino, diretor do banco. O executivo divulgará esses dados hoje durante a conferência anual da consultoria Datagro. "A dívida do setor até a safra 2013/2014 cresceu 19 vezes, se comparada com o ciclo 2002/2003", disse.

Os dados do banco contemplam as usinas do Centro-Sul, com base em 65 grupos sobre os quais o Itaú BBA teve acesso aos dados. Além do Itaú, os bancos Bradesco, Santander, Banco do Brasil e BNDES estão entre os maiores credores das usinas.

Fim da safra. Segundo Rodrigues, da Unica, há cerca de 375 usinas em operação este ano. De acordo com ele, 30 unidades correm o risco de não voltarem a moer no ano que vem por causa do alto endividamento. Quase 70 usinas pararam suas atividades desde 2008 e outras cerca de 70 estão em recuperação judicial.

Levantamento da Unica mostra que a colheita no Centro-Sul deve ficar entre 545 milhões a 550 milhões de toneladas, 40 milhões de toneladas a menos que o previsto inicialmente por causa da seca, sobretudo em São Paulo e Minas. O Nordeste deve colher entre 55 milhões a 60 milhões de toneladas. Já a consultoria Datagro prevê moagem de 550,2 milhões de toneladas de cana na safra 2014/15. Para o ciclo 2015/16, a estimativa fica entre 520 milhões a 560 milhões.

Até 30 de setembro, 10 usinas tinham encerrado a moagem por falta de matéria-prima. No mesmo período de 2013, duas tinham encerrado os trabalhos.

"O setor enfrentará uma das piores entressafras da história, com a antecipação do fim da moagem e falta de produto para comercializar durante esse período", disse Figliolino.

O Grupo Virgolino de Oliveira (GVO), com quatro usinas no Centro-Sul, confirmou no domingo, conforme antecipou o Estado, que contratou o banco Moelis para renegociar suas dívidas, sobretudo bonds (títulos da dívida). Sua dívida externa soma cerca de US\$ 735 milhões. "Outras companhias, como Aralco (em recuperação judicial), TononBionergia e Usina São João (USJ) estariam renegociando bonds", afirmou uma fonte. Procurada, a USJ diz que não está renegociando títulos, cujos vencimentos são de longo prazo. Tonon e Aralco não retornaram os pedidos de entrevista.

---

### **Nova estimativa reduz, mais uma vez, a previsão de safra da cana-de-açúcar – Folha de São Paulo, Cotidiano. 21/10/2014**

Pela terceira vez, a Datagro, consultoria do setor sucroenergético, reduziu a estimativa de moagem para a atual safra de cana-de-açúcar na região centro-sul.

A produção deste ano deve ser 7,4% menor que a do ano passado, com 550,2 milhões de toneladas.

No mês passado, a estimativa da empresa era que a moagem atingisse 556 milhões de toneladas de cana.

A região centro-sul é responsável por cerca de 90% da produção brasileira de cana.

A estimativa de produção de açúcar também caiu, para 31,6 toneladas.

Já a produção de etanol, apesar de ficar abaixo da safra do ano passado, teve um aumento na estimativa.

Em setembro, a consultoria previa que a produção fosse de 24,02 bilhões de litros de etanol. A nova estimativa aponta, agora, para 24,9 bilhões de litros.

De acordo com Plínio Nastari, presidente da Datagro, a safra deste ano foi prejudicada na região centro-sul por causa da estiagem.

A falta de chuvas e a ocorrência de queimadas reduziu a colheita de cana.

Para Nastari, "parte da crise do setor" pode ser superada pelo aumento da produção de etanol.

Ainda de acordo com ele, alguns produtores devem esticar a safra até dezembro para produzir o máximo de etanol e reduzir a de açúcar. Já outras, devem encerrar antes.

Reportagem publicada pela Folha neste mês mostrou que a falta de chuva nas lavouras de cana neste ano já fez pelo menos dez usinas anteciparem o encerramento da safra na região centro-sul.

Normalmente, as atividades nas indústrias começam a ser interrompidas a partir da segunda quinzena de outubro –a maioria delas vai até dezembro.

---

### **Usinas de cana fecharam 6 mil vagas em setembro – Valor Econômico, Agronegócios. 23/10/2014**

O efeito da crise no setor sucroalcooleiro ficou mais evidente nos números de emprego referentes a setembro do que a mecanização dos canaviais. Em um mês, mais de seis mil postos de trabalho foram fechados em usinas de cana-de-açúcar do Centro-Sul, a maior parte de cortadores de cana, mas também com dispensas nos departamentos ligados à mecanização agrícola.

Em setembro, o setor empregou em todas as funções, em média, 481.187 pessoas, recuo de 1,25%, ou 6.131 vagas em relação a agosto, segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) compilados pelo projeto de ocupação sucroalcooleira da Unesp de Jaboticabal (SP). Em relação a setembro do ano passado, houve queda de 8,4%, com fechamento de 44.452 vagas. No acumulado dos nove meses do ano, o número de trabalhadores no setor caiu 32.626, ou 6,5% abaixo do registrado no mesmo intervalo de 2013.

Os trabalhadores que lidam diretamente com o corte da cana foram os mais afetados em setembro. O número de pessoas empregadas nessa atividade recuou 2,3% no mês em relação a agosto e 21,15% na comparação com setembro de 2013. No acumulado do ano, a queda foi de 19%, com 31.985 vagas a menos.

Apesar de em menor escala, o número médio de empregados nas funções ligadas à mecanização também caiu mês passado, para 74.149 pessoas, recuo de 695 vagas, ou 0,9%, na comparação com agosto. Em relação a setembro de 2013, houve aumento de 1,85%, com acréscimo de 1.353 vagas. No acumulado do ano, esse contingente de trabalhadores subiu 4,2%, para 72.334 pessoas, 2.931 vagas acima do observado em igual período de 2013.

---

#### **Até 15 de outubro, 22 usinas encerraram moagem de cana no Centro-Sul. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 23/10/2014**

SÃO PAULO - Até o fim da primeira quinzena de outubro, 22 usinas de cana-de-açúcar do Centro-Sul haviam encerrado a moagem da safra 2014/15, número bem acima do observado no mesmo período do ano anterior, quando seis plantas haviam finalizado as atividades.

Conforme a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), essas 22 unidades processaram uma quantidade de cana-de-açúcar 23% menor na comparação com o registrado na safra 2013/14.

De acordo com o diretor-técnico da Unica, Antônio de Padua Rodrigues, os números preliminares de outubro mostram que a quebra agrícola deve ser ampliada em São Paulo nas próximas quinzenas. “Esse cenário já foi contemplado na revisão publicada há dois meses pela Unica, que não pretende divulgar nova estimativa até o final da atual safra”, afirmou Rodrigues.

De acordo com o levantamento realizado pelo Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), a produtividade agrícola dos canaviais colhidos no Centro-Sul em setembro totalizou 69,3 toneladas por hectare, contra 75,4 toneladas por hectare verificadas no mesmo período de 2013 (queda de 8,1%).

No acumulado desde o início da safra até o fim de setembro, a produtividade alcançou 76,3 toneladas por hectare, com retração acumulada de 7,2% em relação às 82,2 toneladas por hectare observadas até a mesma data do ano anterior.

Na primeira quinzena de outubro, a moagem de cana no Centro-Sul cresceu 25,74%, para 39,341 milhões de toneladas, segundo a Unica. Desde o início da safra, a moagem acumulada da matéria-prima aumentou 1,45%, a 480,7 milhões de toneladas.

A produção de açúcar subiu 24,17%, a 2,368 milhões de toneladas na quinzena, na comparação com igual intervalo da safra passada. No acumulado do ciclo, a fabricação da commodity subiu 0,72%, a 27,4 milhões de toneladas.

Conforme a Unica, a produção de etanol subiu 41% na quinzena, para 1,913 bilhão de litros, enquanto que, no acumulado da temporada, o crescimento é de 6,67%, para 21,589 bilhões de litros.

---

#### **Produção de açúcar sobe e venda de etanol cai. Camila Souza Ramos e Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 24/10/2014**

O relatório da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) sobre o desempenho da



safra 2014/15 no Centro-Sul na primeira quinzena de outubro trouxe duas notícias ruins para as usinas. A primeira é que a produção de açúcar aumentou, o que pressionou os futuros já combalidos da commodity na bolsa de Nova York. A segunda é que, apesar de todos os esforços do setor e dos preços convidativos do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, o motorista brasileiro parece relutante em deixar de usar a gasolina.

Nos primeiros 15 dias de outubro, a ausência de chuvas permitiu uma moagem acelerada de cana, o que resultou em mais oferta de açúcar e etanol. A produção da commodity cresceu 24,17% no período, e, no acumulado da safra, superou em 0,72% o produzido em mesmo intervalo de 2013/14.

Mesmo com os sinais de que a atividade das usinas do Centro-Sul deve arrefecer nas próximas quinzenas, o mercado em Nova York reagiu com pessimismo. Os contratos de açúcar para março caíram 2,06%, ou 34 pontos, a 16,16 centavos de dólar por libra-peso, o menor valor desde 2 de outubro.

Diante do momento ruim do açúcar, as usinas apostavam suas fichas no etanol, mas o consumo parece não estar reagindo. Assim como vem acontecendo desde o início da safra, em maio, a venda de hidratado pela indústria na primeira quinzena do mês caiu 1,82%, para 611,9 milhões de litros. No acumulado da temporada, a venda de hidratado caiu 4,8%, para 7,053 bilhões de litros. A expectativa do setor é de que o consumo mensal de hidratado saia do patamar de 1,1 bilhão de litros para níveis entre 1,2 bilhão e 1,3 bilhão de litros para escoar toda a oferta até abril do ano que vem, quando começa a moagem da nova safra.

A perspectiva, porém, é de que a quebra agrícola em São Paulo aumente nas próximas quinzenas e que a safra seja finalizada logo. Até 15 de outubro, 22 usinas haviam concluído a moagem, ante seis em igual período do ano passado.

---

### **O tamanho da crise do etanol. Editorial – O Estado de São Paulo, Opinião. 25/10/2014**

A crise que afeta as usinas de açúcar e álcool está longe do fim. Com a dívida 10% maior do que o faturamento que poderão alcançar, as usinas terão uma de suas piores safras dos últimos anos. A crise financeira mundial iniciada em 2008 tornou ainda mais difícil a situação das empresas brasileiras do setor sucroalcooleiro, que já começavam a pagar o preço da errática política do governo do PT para o etanol. Esse preço continua a aumentar. Como mostrou reportagem do Estado (21/10), com faturamento de R\$ 70 bilhões no ciclo 2014-2015, as usinas deverão encerrar a safra devendo R\$ 77 bilhões, de acordo com estimativa da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica).

Tendo acreditado nas promessas do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva de tornar o Brasil o líder e o exemplo mundial na produção de energia limpa e renovável, as usinas investiram pesadamente entre 2003 e 2008 na expansão da capacidade de produção do etanol e, para isso, contraíram dívidas pesadas, que a maioria ainda não quitou.

O discurso ufanista do governo - que apontava as vantagens econômicas, ambientais e sociais do etanol de cana-de-açúcar sobre o similar americano produzido a partir do milho (com o desvio de boa parte da safra do grão que seria destinada para outras finalidades) - estimulava esses investimentos. Ao mesmo tempo, a política do governo de exigir das montadoras a produção de veículos bicompostíveis (flex) - que podem utilizar etanol, gasolina ou a mistura dos dois combustíveis em qualquer proporção - parecia assegurar um grande volume de vendas para o mercado doméstico. Somadas às possibilidades de conquista de fatias maiores no exterior, com a transformação do etanol brasileiro de cana em commodity negociável em qualquer mercado do planeta, as possibilidades de crescimento do setor pareciam imensas.

Tudo mudou de repente. Com a descoberta, em 2007, de grandes acumulações de petróleo e gás em águas profundas, na camada do pré-sal, o governo Lula viu ali um potencial político-eleitoral muito maior, e de efeitos mais rápidos, do que o oferecido pelo etanol. Até então no centro das preocupações do governo petista, a energia limpa e renovável, que vinha sendo alardeada como o combustível do futuro, do qual o Brasil seria o grande fornecedor mundial, deixou de merecer a atenção das autoridades.

Mas o pior ocorreu no governo Dilma. Com o aumento das pressões inflacionárias a partir de 2011, o governo passou a conter o preço da gasolina. Com isso, também o preço do etanol adicionado à gasolina passou a ser comprimido. Já o preço do etanol vendido na bomba, embora teoricamente livre, é dependente de uma relação inescapável: a eficiência energética do álcool corresponde a cerca de 70% da da gasolina, o que condiciona seu preço ao do derivado do petróleo.

Somada à excessiva e danosa interferência do governo no setor, a gestão financeira em muitos casos imprudente de muitas usinas - que continuaram a tomar dívidas para a mecanização da colheita, renovação do canavial e até expansão da capacidade - tornou os problemas ainda mais graves.

De acordo com o diretor técnico da Unica, Antonio de Pádua Rodrigues, há cerca de 375 usinas em operação no País. Dessas, ele estima que 30 talvez não tenham condições de moer cana na próxima safra, por causa de seu alto nível de endividamento. Desde 2008, entre 60 e 70 usinas encerraram suas atividades por problemas financeiros. Cerca de outras 70 operam em regime de recuperação judicial. Estima-se que, desde o início da crise, o setor de açúcar e álcool fechou 100 mil empregos diretos e 250 mil indiretos (de um total, respectivamente, de 1,5 milhão e 2,5 milhões).

Além da crise que se arrasta há seis ou sete anos, a seca reduziu a colheita de cana no Centro-Sul para 545 milhões ou 550 milhões de toneladas, cerca de 40 milhões do que se previa. Com isso, o fim da moagem será antecipado e, sem produtos para comercializar, o setor pode estar prestes a enfrentar uma das piores entressafras de sua história.

---

**Mais usinas deverão fechar, diz setor de etanol. Maria Cristina Frias – Folha de São Paulo, Colunistas. 26/10/2014**

Mais usinas fecharão caso o novo governo não altere sua política para o setor do etanol, segundo empresas e consultorias do segmento.

À falta de competitividade com a gasolina e o alto endividamento de muitas companhias somou-se a seca, que antecipou o fim da safra. Parte das empresas poderá não conseguir suportar a entressafra mais longa.

"Se for um governo que reconheça erros e que a situação é de emergência, ele poderá ser mais efetivo e focado em buscar soluções", diz o presidente de uma grande empresa do setor.

"Ainda tem muita gente importante para fechar, que não se espera que esteja em situação insustentável. Os nomes e a velocidade da lista dos que irão para recuperação judicial vai impressionar", afirma.

"Para quem já está no sufoco, será indiferente", diz outro executivo.

A Unica (entidade do setor) afirma que ainda não se pode prever quantas plantas poderão parar em 2015. No setor e em consultorias estima-se que ao menos dez usinas deixarão de processar por dificuldades financeiras.

De cerca de 330 usinas de açúcar e etanol da região centro-sul, 60% correm o risco de fechar as portas ou mudar de dono em dois ou três anos.

De 2008 a 2013, mais de 70 usinas foram desativadas no país e outras 67 entraram em recuperação judicial.

O segmento acusa o governo Dilma Rousseff de ter focado no pré-sal e deixado de lado as políticas pró-etanol.

Até 2008, as usinas se endividaram com empréstimos para expandir a produção e atender ao aumento da demanda por álcool, puxada pelos carros flex.

A partir de 2011, no entanto, sem reajustes de preços da gasolina, o etanol perdeu competitividade e muitas empresas não conseguiram honrar os compromissos.

Só com o fim da cobrança da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico) sobre a gasolina, o setor perdeu R\$ 10 bilhões por ano, diz Antonio de Padua Rodrigues, diretor da Unica.

Apenas nos últimos dois anos, foram cortados 60 mil empregos diretos no setor produtivo, de acordo com dados da entidade.

\*

#### Estiagem piora cenário

A seca que atingiu os canaviais e forçará uma entressafra maior neste ano será um agravante para parte dos produtores de açúcar e álcool.

"Há usinas que pararam [mais cedo neste ano] e que provavelmente não vão conseguir reiniciar em abril de 2015", diz Antonio de Padua Rodrigues, diretor da Unica.

"Acho que não serão muitas, mas também teremos usinas em dificuldades, que não vão honrar compromissos com arrendamento de terra ou fornecedores de cana."

Até 15 de outubro, 22 empresas concluíram a safra, segundo a entidade. Na mesma data do ano passado, apenas seis plantas haviam encerrado o processamento de cana.

Na região de Ribeirão Preto (SP), uma das principais produtoras do país, algumas fábricas já haviam concluído a moagem no fim de agosto.

Em anos considerados normais, a produção se estenderia até perto de dezembro.

"Não sei como as usinas que não têm crédito nem estoque vão sobreviver durante esse período todo, vai ser uma situação bem difícil."

\*

#### Consumo europeu

O poder de compra dos consumidores europeus terá um crescimento médio nominal de 2% neste ano, na comparação com 2013, de acordo com estudo da GfK.

A alta ficará um pouco acima da inflação do período, cuja projeção é de cerca de 1% para 2014 no continente.

O total disponível para despesas e poupança atingirá € 8,83 trilhões (aproximadamente R\$ 27,7 trilhões) neste ano nos 42 países avaliados pela consultoria, o que representa uma média por pessoa de € 13,1 mil (R\$ 41 mil).

A lista das dez nações com os maiores valores per capita foi mais uma vez liderada por Liechtenstein, onde o poder de compra dos moradores em 2014 é estimado em € 54,8 mil (cerca de R\$ 183 mil).

Maior economia do continente, a Alemanha ganhou uma posição em relação a 2013. A projeção para este ano é de uma média de € 21,5 mil (cerca de R\$ 67,4 mil).

A Suécia, por sua vez, perdeu três lugares ante 2013 – a média anual neste ano é calculada em € 21,3 mil (R\$ 66,8 mil) por habitante.

\*

#### Empresa de MG investe R\$ 150 mi em condomínios

A Parcelar Urbanismo, de Minas Gerais, investirá R\$ 150 milhões na instalação de dez empreendimentos no interior do Estado. Nove deles serão de loteamento urbano e um de condomínio industrial.

Os projetos serão lançados até 2017. Outros quatro estão em fase de negociação.

"Buscamos cidades que sejam polos regionais, com universidades de referência, como São João Del Rey e Viçosa", diz Gustavo Lobato, um dos sócios da empresa.

A procura pelo interior também está relacionada ao desaquecimento do setor. "Em municípios menores, a concorrência costuma ser menos acirrada", acrescenta.

Os dez empreendimentos somarão 10 mil lotes. O maior deles, com 4.000, ficará em Divinópolis (a 120 quilômetros de Belo Horizonte).

O condomínio industrial foi projetado para Manhuaçu (a 280 km da capital) –cidade produtora de café próxima do Espírito Santo.

O capital aportado é próprio. A Parcelar é formada por sócios que têm participações em companhias de transporte (a transportadora Transavante e a Expresso Unir, que faz a linha entre o aeroporto de Confins e Belo Horizonte), rede de postos e imobiliárias, entre outros setores.

\*

Dieta europeia

A Guabi, de alimentação animal, investirá R\$ 30 milhões para reformular e lançar novos produtos.

O objetivo é alinhar as marcas brasileiras com as da europeia Affinity, com quem a empresa fez uma joint venture no ano passado.

"Passamos a ter referências de inovação internacional e bagagem de uma empresa 'global', mas com grande conhecimento sobre o Brasil", afirma Eduardo Aron, que está há seis meses à frente da companhia.

Uma das primeiras ações é o relançamento da linha mais nobre de rações, que recebeu somente conservantes naturais, segundo Aron.

"A fórmula traz ingredientes que focam em maior longevidade para o animal, uma ação que já é bem explorada em outros países."

A estratégia também inclui uma nova categoria de alimentos úmidos para gatos obesos. Hoje, a Guabi produz apenas rações secas com essa finalidade.

"Do aporte total, investiremos quase R\$ 10 milhões em compra de equipamentos para melhorar a qualidade da produção", conclui.

260

é o número aproximado de produtos fabricados para cães, gatos, bovinos, equinos, frangos e suínos, entre outros

2

são as fábricas em operação, em Campinas e em Bastos (SP)

\*

Carrinho... O índice de intenção de consumo das famílias paulistanas subiu 0,6% de setembro para outubro. Foi a segunda alta consecutiva.

...de compras Na comparação com outubro do ano passado, porém, houve queda de 12,2%, de acordo com dados da FecomercioSP.

---

**Demanda ainda fraca reduz os preços do etanol na usina. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/10/2014**

Os preços do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos,

recuaram na última semana nas usinas em São Paulo. O indicador Cepea/Esalq para o biocombustível recuou 0,72% no intervalo entre os dias 20 a 24 deste mês na comparação com o período entre 13 e 17 de outubro, para R\$ 1,1356 o litro.

A demanda pelo biocombustível ainda está abaixo do esperado pelas usinas, apesar dos preços convidativos do etanol nos postos e do lançamento pelo setor sucroalcooleiro de mais uma campanha de publicidade para estimular o consumo.

Os preços baixos do etanol e do açúcar, somados ao pedido de recuperação judicial da Aralco e o anúncio da Virgolino de Oliveira de que considera reestruturar suas dívidas, elevaram o risco sistêmico do segmento sucroalcooleiro. Diante disso, a agência de classificação de risco Fitch colocou em observação negativa as notas de crédito de Biosev, Jalles Machado, Tonon Bioenergia e USJ Açúcar e Álcool, o que implica revisão para possível rebaixamento.

De acordo com a Fitch, as companhias do segmento têm enfrentado dificuldades para obter capital de giro e cana-de-açúcar de terceiros. A agência de classificação de risco espera ainda a continuidade da pressão no fluxo de caixa e na liquidez dessas empresas nos próximos 12 meses.

---

### **Grupo sucroalcooleiro São Martinho anuncia parceria imobiliária em SP – Valor Econômico, Agronegócios. 27/10/2014**

SÃO PAULO - O grupo sucroalcooleiro São Martinho, um dos mais importantes do país, anunciou há pouco que firmou uma parceria com a Alphaville Urbanismo (Alphaville) para o desenvolvimento de projeto imobiliário no interior de São Paulo. A companhia, por meio de sua subsidiária Vale do Mogi, deve ter com o projeto a geração de um valor presente líquido de R\$ 67 milhões.

Foi firmado um consórcio imobiliário, no qual a Vale do Mogi entrará com 124,09 hectares — o equivalente a cerca de 1,240 milhão de metros quadrados de terra nua. A Alphaville fará elaboração e aprovação do projeto imobiliário, execução do empreendimento para implantação do loteamento, realização, coordenação, marketing e comercialização, afirmou a São Martinho em comunicado.

O Consórcio Alphaville Limeira está localizado no município paulista de Limeira, na intersecção da rodovia Bandeirantes (SP 348) com a rodovia SP 151 (Limeira/Iracemápolis) e deve ser lançado em três fases, sendo a primeira em 2016.

Citando estudos realizados pela Alphaville, a São Martinho informa que o Valor Geral de Vendas (VGV) estimado pelo projeto é de aproximadamente R\$ 277 milhões, que resultará em um valor presente líquido para a Vale do Mogi de R\$ 67 milhões.

A parceria é uma das diversas que o grupo sucroalcooleiro pretende fazer para explorar de forma mais rentável do que o cultivo de cana-de-açúcar as terras de que dispõem em áreas mais próximas ao perímetro urbano no interior de São Paulo. A Vale do Mogi tem no seu portfólio 52.636 hectares de terras nas regiões de Ribeirão Preto, Limeira e Piracicaba, nos quais se incluem 2.002 hectares (20.025.400 m<sup>2</sup>) próximos ao perímetro urbano e com grande potencial imobiliário. “Além da gestão desses ativos, a Vale do

Mogi tem como meta a monetização das terras localizadas em centros urbanos, através de parcerias semelhantes”.

---

### **Sob ameaça, 30 usinas de cana do país têm dívida de R\$ 11 bi. João Alberto Pedrini – Folha de São Paulo, Cotidiano. 27/10/2014**

A crise que atingiu o setor sucroalcooleiro nos últimos seis anos afetou quase um terço das usinas do país.

Levantamento da RPA (Ricardo Pinto e Associados), de Ribeirão Preto (a 313 km de São Paulo), mostra que 30 usinas estão prestes a pedir recuperação judicial. Juntas, as dívidas somam R\$ 11 bi.

Essas empresas podem se juntar a outras 96, que já enfrentam problemas financeiros - algumas desde 2008, ano de início da crise econômica internacional.

Segundo a RPA, das 439 usinas do país, 343 operam, 33 estão paradas (estavam em recuperação judicial), 31 interromperam atividades, 22 operam em recuperação e dez foram à falência.

De acordo com Ricardo Pinto, diretor da RPA, essas 30 usinas que operam no vermelho têm capacidade de moer 60 milhões de toneladas de cana por safra.

"São usinas que estão atrasando pagamentos de fornecedores, insumos, arrendamento de terras", afirmou.

Ele disse que as indústrias têm dívida maior que R\$ 200 por tonelada de cana moída. Como têm um rendimento de R\$ 110 por tonelada, será praticamente impossível quitar todas as pendências.

A situação se agravou neste ano por causa da falta de chuvas, que derrubou a produtividade nas lavouras.

Segundo a Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar), 22 unidades encerraram a atual safra. Nesta mesma época em 2013, apenas seis haviam parado as atividades. Isso ocorre porque há menos cana para ser processada.

A previsão é que até o final da safra sejam processadas 545,89 milhões de toneladas, o que representa queda de 5,88% em relação à safra passada, que atingiu moagem total de 580 milhões.

Diretor técnico da Unica, Antonio de Padua Rodrigues disse que o setor tem dívida total de R\$ 79 bilhões -maior que o faturamento de uma safra toda (R\$ 72 bilhões).

Sobre as usinas com risco de entrar em recuperação, ele argumenta que é possível contornar a situação.

Para ele, o cenário para a próxima safra é de reação dos preços por causa do possível aumento do valor da gasolina -quanto mais alto, melhor para o etanol.

"Os problemas foram agravados pelas condições climáticas [falta de chuvas], o que derrubou a produção", disse Carlos Roberto Ravanelli, gerente administrativo da usina Baldin, em Pirassununga.

Segundo ele, a recuperação judicial permite a reestruturação da empresa, que tem dívida de R\$ 600 milhões.

Já outras usinas não conseguiram dar continuidade à produção, como a Jardest, de Jardinópolis, que paralisou as atividades em abril. Foram demitidos 378 trabalhadores.

---

**Unica diz esperar mais diálogo com Dilma e políticas claras para o etanol. Reuters – Folha de São Paulo, Mercado. 27/10/2014**

A Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) afirmou nesta segunda-feira (27) que espera a presidente Dilma Rousseff mais aberta ao diálogo, conforme prometeu em seu primeiro pronunciamento após ser reeleita, e apresente políticas mais claras para o setor de combustíveis que possam beneficiar os produtores de etanol.

"O diálogo sempre é melhor do que o não diálogo. Não podemos saber se o diálogo será positivo ou não, mas é importante que a presidente demonstre com clareza qual o papel ela espera da agroenergia na matriz de energia brasileira, se é um papel protagonista ou se é secundário", afirmou a presidente da Unica, Elizabeth Farina, em teleconferência com jornalistas.

*ENDIVIDAMENTO*

Segundo a presidente da Unica, políticas mais claras para setor de combustíveis poderiam ajudar a usinas de etanol a lidar com o elevado endividamento, em parte fruto do controle de preços de gasolina pelo governo nos últimos anos.

O preço controlado da gasolina limita repasses de custos das usinas ao preço do etanol, impactando as contas das indústrias.

A Unica avalia ainda que investimentos no setor de etanol só serão feitos considerando as "novas regras do jogo".

*MEDIDAS DE ESTÍMULO*

O secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Paulo Caffarelli, afirmou nesta segunda-feira (27) que haverá "várias" medidas de estímulo à indústria.

O secretário não deu detalhes de que ações podem ser anunciadas e entrou apressado no prédio do ministério, na manhã desta segunda.

"Podemos esperar que a economia vai ficar cada vez melhor", disse.

O ministro Guido Mantega chegou à sede do ministério nesta manhã sem falar muito. "Estou rouco de tanto aplaudir", disse.

A presidente Dilma já definiu que Mantega estará fora da pasta em seu segundo mandato e que haverá reformulação na equipe econômica. Mas está nas mãos do atual time fazer a transição e dar encaminhamento a questões importantes, como a alta inflação, o dólar em disparada, a meta pouco factível de superavit fiscal para o ano e de crescimento da produção.

---



## **Setor sucroenergético terá alta de custos e menos rentabilidade na safra 2014/2015 – Site da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 31/10/2014**

A safra 2014/2015 no Centro-Sul do país deverá ser marcada pelo aumento dos custos de produção e por margens mais apertadas de rentabilidade para o setor sucroenergético. Os preços da cana, do açúcar e do etanol serão insuficientes para cobrir o total de despesas da atividade. Os custos com a matéria-prima devem subir 8% e os industriais terão alta de 10%.

Os dados estão no boletim Ativos da Cana-de-açúcar, elaborado pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Pecege/Esalq). O levantamento incluiu usinas tanto nas regiões tradicionais (São Paulo e Paraná), quanto das regiões de expansão (Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais).

Segundo o estudo, a alta dos custos foi influenciada pela produtividade, utilização da capacidade instalada e nível de Açúcar Total Recuperável (ATR), que mede a qualidade da cana processada. Apesar dos mesmos fatores, o levantamento identificou cenários diferentes nas duas regiões analisadas. “Enquanto a região de expansão apresentou índices pluviométricos próximos a valores históricos, a região tradicional foi marcada pela falta de chuvas”, explica o estudo.

Desta forma, aponta o boletim, a escassez hídrica na região tradicional contribuiu para a queda de produtividade em 5,6%, mas deve elevar os níveis de ATR em 0,5%, proporcionando melhor qualidade para a matéria-prima. Já, na região de expansão, aconteceu o oposto, com aumento da produtividade agrícola previsto em 3,5%, e queda de 2,9% nos teores de ATR, em razão das chuvas.

Etanol – O boletim constatou, também, maior atratividade na comercialização do etanol em relação ao açúcar, o que deve resultar em aumento de 2,9% na produção do combustível na região tradicional, e de 1,1% na participação do mix das usinas das regiões de expansão na safra 2014/2015. “A produção de açúcar tem sido desfavorecida em relação à produção de etanol, devido ao baixo preço projetado para o açúcar no mercado internacional”, diz o estudo.

---

## **POLÍTICA NACIONAL**

### **BIODIESEL**

#### **Leilão de biodiesel negocia 645,2 milhões de litros do biocombustível. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 09/10/2014**

SÃO PAULO - A Agência Nacional de Petróleo (ANP) divulgou que o 39º leilão de biodiesel resultou no arremate de 645,2 milhões de litros do biocombustível, sendo 98,9% deste volume de produtores detentores do selo Combustível Social.

O preço médio foi de R\$ 2.104,61 o litro, sem considerar a margem da Petrobras. O valor todo negociado atingiu R\$ 1,35 bilhão, refletindo num ágio médio de 0,7% quando comparado com o preço máximo de referência médio (R\$ 2,090/litro).

As ofertas foram apresentadas no dia 3 de outubro, por 41 produtores que ofertaram 702 milhões de litros — o equivalente a 62% da capacidade das usinas habilitadas.

Em virtude do baixo volume ofertado, o Ministério de Minas e Energia (MME) e a ANP optaram por realizar um leilão de biodiesel complementar, que ocorrerá, preferencialmente, no mês de outubro. A ANP informou que o novo leilão terá seu edital publicado até a próxima sexta-feira, 10 de outubro.

Os leilões destinam-se a atender a legislação que estabelece em 7% o percentual mínimo obrigatório de adição de biodiesel ao óleo diesel vendido ao consumidor final (B7), a partir de 01/11/14.

Os volumes comercializados somente serão validados após homologação pela diretoria da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

---

### **Mudança em leilão de biodiesel gera queixas. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 23/10/2014**

A partir de novembro, o diesel no Brasil terá obrigatoriamente 7% de biodiesel, um pleito antigo das usinas que fabricam esse biocombustível no país. Mas o primeiro leilão do produto realizado com o objetivo de atender a essa nova demanda das distribuidoras trouxe surpresas desagradáveis aos participantes. Na hora do leilão, a Agência Nacional de Petróleo (ANP) considerou que a oferta de produto pelas usinas era pequena e resolveu "dividir" o volume a ser comprado em dois leilões. Já os produtores de biodiesel, que já haviam feitos suas ofertas, frustraram-se com o que consideraram uma mudança das regras "no meio jogo".

Nenhum dos dois lados admite, mas conforme especialistas, o ponto principal da discussão é econômico. Diante de uma oferta de biodiesel mais apertada em relação à demanda, o esperado era que, ao fim, os lotes fossem arrematados a preços mais elevados, o que não aconteceu, uma vez que 25% da demanda foi transferida para outro leilão.

A associação que representa as usinas de biodiesel do país, a Aprobio, nega que as empresas tenham ofertado volumes menores para impulsionar o ágio. O diretor superintendente da entidade, Julio Cesar Minelli, disse que uma das usinas associadas não conseguiu licença a tempo para participar da oferta. Além disso, nos cálculos da entidade, o consumo no último bimestre do ano é menor do que no bimestre imediatamente anterior.

"Nos últimos 14 anos, a demanda de biodiesel no sexto bimestre foi, em média, 5% menor do que no quinto bimestre. Em 2013, chegou a ser 9% mais baixa", disse Minelli.

De acordo com o executivo, o que chamou a atenção é que a ANP e o Ministério de Minas e Energia (MME) atrasaram em uma hora e meia o início do 39º leilão, realizado no começo deste mês e, antes do início, "avisaram que havia uma nota no site da ANP

informando a realização de um outro leilão para adquirir 25% da demanda já anunciada".

"É complicado mudar a regra do jogo no meio do jogo, pois as usinas já fizeram suas ofertas considerando 100% de uma demanda, que foi, de fato, somente de 75%", afirmou. A entidade se reuniu na última sexta-feira com diretores da ANP para tratar do assunto. Além de expor os cálculos que levaram as usinas a concluir que o volume ofertado seria suficiente, a Aprobio informou a ANP que, nas próximas vezes, gostaria de participar das discussões para ajudar a resolver eventuais questões.

No 39º leilão, o preço médio do volume arrematado foi de R\$ 2,104 por litro - sem considerar a margem da Petrobras, o que significou um ágio médio de 0,7% quando comparado ao preço máximo de referência médio do leilão (de R\$ 2,09 por litro).

Procurada, a ANP respondeu, por e-mail, que está analisando as razões da "baixa oferta" de biodiesel no último leilão. Negou que exista um direcionamento do MME para conter o ágio dos leilões, e assim, evitar impacto nos índices de inflação.

Nos cálculos da agência, a demanda pelo biocombustível nos meses de novembro e dezembro, "acrescida da formação obrigatória de estoques de segurança na Petrobras", foi estimada entre 700 milhões e 730 milhões de litros - ante estimativa da Aprobio de, no máximo, 690 milhões de litros. As usinas de biodiesel ofertaram no 39º leilão 702 milhões de litros, dos quais 645,2 milhões foram arrematados. "Espera-se que no leilão complementar sejam comprados entre 55 milhões e 85 milhões de litros", informou a ANP. As propostas das empresas serão apresentadas no dia 24 e a aquisição pelas distribuidoras se dará nos dias 29 e 30 de outubro.

No Brasil, a mistura obrigatória de biodiesel no diesel vigora desde janeiro de 2008. Naquela época, era de 2%. Dois anos depois, em 2010, o percentual subiu para 5%, ficando nesse patamar até maio deste ano, quando passou a vigorar a mistura de 6% - transitória para o percentual de 7%, que passa a valer em novembro.

"Ainda temos muita capacidade para pouca demanda. Até maio, a ociosidade das usinas era de 65%. Agora, com a mistura de 7%, cairá para 45%", disse Minelli. Segundo a Aprobio, o país tem 58 unidades de biodiesel que podem produzir 7,6 bilhões de litros anuais. "Se o percentual se mantiver em 7%, somente em 2022 a ociosidade será 'normal', de 15%. Até lá, não haverá espaço para construção de novas fábricas".

---

## **ETANOL**

### **Programa de estocagem de etanol tem boa procura. Rafael Rosas – Valor Econômico, Agronegócios. 02/10/2014**

A edição de 2014 do "BNDES PASS", programa do banco de fomento voltado a financiar a estocagem de etanol, teve demanda para toda a sua dotação orçamentária de R\$ 2 bilhões. Em comunicado, o BNDES ressaltou que o desempenho confirmou as expectativas iniciais. Ao todo, já foram aprovadas ou contratadas operações no valor de

R\$ 1,886 bilhão, ou 94,3% do orçamento do programa. Estão em análise operações que somam R\$ 114 milhões.

Os recursos totais do BNDES PASS, se considerado o preço de R\$ 1,50 por litro de etanol anidro pago ao produtor, equivalem a uma capacidade de retenção de estoques de 1,33 bilhão de litros do biocombustível que misturado à gasolina ao longo do intervalo que envolve fim de safra e entressafra - do mês de dezembro deste ano até março de 2015.

"O impacto do programa é bastante significativo, se esse volume for comparado ao consumo total de etanol anidro no período de dezembro de 2013 a março de 2014, situado em 3,6 bilhões de litros", informa o comunicado divulgado ontem pelo banco.

O objetivo do programa lançado pelo governo é dar fôlego às empresas produtoras de etanol. Com os recursos disponíveis, as usinas têm a possibilidade de carregar seus estoques de etanol de uma forma mais adequada ao longo da safra, de forma a evitar uma queda dos preços do biocombustível nesse período.

Foram formalizados no âmbito do programa 65 pedidos de financiamento, com um valor médio de R\$ 31 milhões por pedido. Do total, 60 já foram aprovados e contratados e cinco estão em análise e deverão ser submetidos à diretoria do BNDES nos próximos dias. As liberações começarão a ser processadas ainda neste mês.

---

#### **BNDES deve liberar R\$ 7 bi a usinas. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 22/10/2014**

O chefe do Departamento de Biocombustíveis do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Carlos Eduardo Cavalcanti, afirmou ontem, em evento promovido pela consultoria Datagro na capital paulista, que neste ano os desembolsos do banco de fomento ao segmento sucroalcooleiro deverão alcançar - ou superar - a marca de R\$ 7 bilhões, ante R\$ 6,9 bilhões em 2013.

Segundo Cavalcanti, o lançamento de programas de inovação industrial e agrícola (PAISS e PAISS Agrícola) destinados ao segmento foi fundamental para manter firme a demanda por recursos do banco. "Isso mostra que o setor não está parado. Está investindo mais em tecnologia", afirmou o executivo do BNDES.

Ele disse que a busca de eficiência, que passa pela inovação agrícola e industrial, é a única saída para o segmento, cuja curva de crescimento de produtividade chegou ao limite. "O etanol celulósico e o desenvolvimento de uma cana transgênica podem ser uma quebra de paradigma em produtividade", afirmou.

---

#### **Usinas esperam diálogo com Dilma reeleita e política mais clara para etanol. Roberta Samora – O Estado de São Paulo, Política. 27/10/2014**

A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) espera que a presidente Dilma Rousseff mostre-se mais aberta ao diálogo, conforme prometeu em seu primeiro pronunciamento após ser reeleita no domingo, e apresente políticas mais claras para o

setor de combustíveis que possam beneficiar os produtores de etanol, afirmou nesta segunda-feira a entidade.

"O diálogo sempre é melhor do que o não diálogo. Não podemos saber se o diálogo será positivo ou não, mas é importante que a presidente demonstre com clareza qual o papel ela espera da agroenergia na matriz de energia brasileira, se é um papel protagonista ou se é secundário", afirmou a presidente da Unica, Elizabeth Farina, em teleconferência com jornalistas.

Segundo a presidente da Unica, políticas mais claras para setor de combustíveis poderiam ajudar usinas de etanol a lidar com o elevado endividamento, em parte fruto do controle de preços de gasolina pelo governo nos últimos anos.

O preço controlado da gasolina, combustível concorrente do etanol hidratado no Brasil, limita repasses de custos das usinas ao preço do biocombustível, impactando as contas das indústrias.

As ações das companhias brasileiras de açúcar e etanol, como Cosan e São Martinho operavam em queda acentuada nesta segunda-feira.

Investidores avaliavam que uma mudança de governo poderia ter representado uma nova política para reajustes de preços da gasolina.

A própria Unica se aproximou de candidatos opositoristas. Embora a entidade não tenha declarado apoio oficialmente a qualquer candidatura, o presidente do Conselho Deliberativo da associação, o ex-ministro Roberto Rodrigues, que atuou no governo Lula, declarou seu voto em Aécio Neves, segundo reportagens publicadas na mídia.

Questionada sobre o assunto, Elizabeth disse que é importante focar no futuro. "Olhando para frente, é fundamental que tenhamos diálogo no sentido de qual é a formação de preços que viabilize esse papel estratégico (do etanol)", disse ela, lembrando que a Unica foi um dos primeiros grupos industriais a organizar tal debate.

Além de políticas claras para os combustíveis, Elizabeth afirmou que o governo deveria reconhecer as "externalidades positivas do etanol", como o fato de ele ser um combustível menos poluente. Isso poderia ser feito por meio do restabelecimento da Cide, tributo incidente sobre a gasolina, que poderia deixar o combustível fóssil mais caro, permitindo reajustes do etanol hidratado.

A presidente da Unica também avalia que o governo poderia colaborar com o setor ao elevar efetivamente a mistura de etanol anidro na gasolina, dos atuais 25 por cento para 27,5 por cento. O governo já sancionou a lei que aumenta o teto da mistura, mas aguarda a conclusão de testes de viabilidade técnica.

"Ela (Dilma) colocou que interpreta o resultado das urnas e o próprio processo de campanha eleitoral... no sentido de mudança. Apesar de ela ter sido reeleita, ela colocou que quer ser uma presidente melhor e quer ser a candidata da mudança", disse a presidente da Unica, observando que o setor já mostrou que reage rapidamente a estímulos, com investimentos pesados no passado recente que resultaram também no elevado endividamento que hoje afeta o setor.

Entre 2004 e 2010, mais de 100 novas plantas industriais foram construídas no país, e o número de unidades produtoras em operação chegou a superar 400, segundo a Unica.

### *INVESTIMENTOS REPRESADOS*

A propósito, a presidente da Unica avaliou que investimentos no setor de etanol só serão feitos considerando as "novas regras do jogo".

Questionada se a Unica aguarda também alguma ajuda para amenizar os problemas resultantes do elevado endividamento, a presidente da entidade afirmou que a simples sinalização sobre a política de preços já "aliviaria em parte as dificuldades financeiras que muitas usinas enfrentam, até pela desconfiança do setor".

Políticas claras sobre os combustíveis poderiam reduzir o risco sistêmico do setor, segundo ela.

Desde a crise financeira mundial em 2008, até 2013, mais de 70 usinas já fecharam as portas no Brasil, informou a Unica em relatório recente, que contabilizou ainda 66 unidades produtoras em recuperação judicial, considerando aquelas em operação e inativas.

Procurada pela Reuters, a Copersucar, maior comercializadora de açúcar e etanol que congrega muitas usinas associadas da Unica, afirmou que não comenta temas políticos.

A Unica representa o setor nesses temas, pontuou a assessoria de imprensa da Copersucar. A Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) também afirmou a Unica representa o setor para esses assuntos.

Questionada sobre outros temas pertinentes ao agronegócio relacionados à reeleição de Dilma, a Abag afirmou que a entidade vai aguardar alguns dias para se pronunciar.

"Esse período é necessário para melhor entendimento sobre o quadro político que se configura e seus efeitos no agronegócio", disse a Abag por meio da assessoria de imprensa.

---

### **Unica aguarda definições do governo sobre o setor sucroalcooleiro. Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 27/10/2014**

SÃO PAULO - A presidente-executiva da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), Elizabeth Farina, afirmou hoje que espera ter uma interlocução direta com a presidente Dilma Rousseff em seu segundo mandato e que o governo federal dê sinalizações claras o quanto antes para o setor.

Em entrevista convocada pela entidade nesta manhã, Elizabeth disse que questões relacionadas ao etanol não precisam — nem devem — esperar pelo início da nova gestão, em 1º de janeiro de 2015. “Já conversamos bastante [com o governo]. Eu quero olhar pra frente e saber o que vai mudar em relação à política energética do governo. O setor reage aos estímulos que dão”, disse a executiva, acrescentando que a presidente mencionou em seu discurso de vitória que não fará coisas somente em 2015.

“É fundamental que o setor conheça qual será a sistemática de formação de preços na matriz de combustíveis em geral. Quais serão as regras que vão vigorar? E essas regras serão consistentes com o objetivo de participação do etanol na matriz energética?”.

De acordo com ela, um dos elementos que tem sido discutido é o reconhecimento das externalidades positivas do etanol. “Os combustíveis fósseis são importantes, mas trazem algumas consequências como emissão de gases-estufa e poluição. Tudo isso não está no preço de bomba. A CIDE [sobre a gasolina] precisa ser restabelecida”.

Elizabeth citou ainda o aumento da mistura do etanol na gasolina e as conversas com a indústria automobilística — que necessita aperfeiçoar os motores flex dos carros — como outras medidas de base para o governo federal.

A entidade que, oficialmente, mantém uma posição política de neutralidade, há tempos revela insatisfação com a falta de medidas que ajudem o setor produtor de etanol. Ex-ministro do governo Lula e atual presidente do conselho de administração da Unica, Roberto Rodrigues causou apreensão recentemente ao declarar seu voto e apoio a Aécio Neves (PSDB).

---

### **Preço do etanol cai ao motorista de 16 Estados e do Distrito Federal. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/10/2014**

SÃO PAULO - Os preços do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, caíram em 16 Estados e no Distrito Federal de 19 a 25 de outubro na comparação com a semana anterior. Segundo pesquisa da Agência Nacional de Petróleo (ANP), a maior queda foi registrada em Santa Catarina, onde os preços médios do biocombustível ao consumidor final caíram 1,34%, a R\$ 2,426 o litro.

Em São Paulo, maior centro consumidor de combustíveis do país, a retração foi de 0,75%, a R\$ 1,851 o litro. Nesse Estado, o preço do etanol equivale a 65% do preço da gasolina há, pelo menos, quatro semanas. Segundo o parâmetro mais aceito pelo mercado, é vantajoso ao consumidor usar etanol em vez de gasolina quando o preço do biocombustível equivale a menos de 70% do preço da gasolina. Além de São Paulo, essa paridade é vantajosa para o etanol no Paraná (68%) e em Goiás (67%).

Em sete Estados, o preço médio do hidratado subiu ao motorista. A maior alta foi observada no Estado de Goiás, onde o preço médio do litro subiu 5,2%, a R\$ 2,081. Em três Estados, os preços médios ficaram estáveis — Amapá, Rio Grande do Norte e Roraima.

Na usina, em São Paulo, os preços do hidratado tiveram queda na última semana. O indicador Cepea/Esalq para esse biocombustível recuou 0,72% entre 20 e 24 de outubro, a R\$ 1,1356 o litro.

---

### **Estudo aprova gasolina com 27,5% de etanol. Cristiano Zaia – Valor Econômico, Agronegócios. 29/10/2014**

O governo se prepara para dar uma boa notícia ao segmento sucroalcooleiro, que lhe fez forte oposição nas eleições. Em novembro, o Palácio do Planalto deve divulgar que um

estudo técnico comprovou ser possível elevar a proporção de etanol anidro na gasolina para 27,5%, medida considerada fundamental para amenizar a crise das usinas.

O Valor apurou que o estudo, realizado pelo Centro de Pesquisas e Desenvolvimento da Petrobras, já foi concluído e que os testes mostraram que os motores dos automóveis e motos movidos exclusivamente a gasolina suportariam perfeitamente a nova composição sem perda de eficiência. Hoje, o percentual de mistura está fixado em 25%.

---

## NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

### ETANOL

#### **Exportação do agronegócio do Brasil recua 4,6% em 12 meses; setor de cana pesa. Roberto Samora – O Estado de São Paulo, Economia. 08/10/2014**

As exportações do agronegócio do Brasil atingiram 97,88 bilhões de dólares no intervalo de 12 meses até setembro, queda de 4,6 por cento na comparação com o mesmo período anterior influenciada principalmente por uma derrocada acentuada dos embarques de açúcar, apontaram dados do Ministério da Agricultura nesta quarta-feira.

As vendas agropecuárias do Brasil responderam por 41,1 por cento do total exportado pelo país, que somou 238,16 bilhões de dólares em 12 meses, baixa de 0,6 por cento em relação ao período anterior.

Os embarques de açúcar e etanol caíram 31,2 por cento no período, para 10,9 bilhões de dólares, com recuos em volumes (-19,8 por cento) e dos preços de vendas (-14,2 por cento), e a indústria sucroalcooleira apresentando-se como aquela com pior desempenho entre os grandes setores do agronegócio, segundo os números do ministério.

As exportações de açúcar do maior exportador global da commodity caíram 27 por cento na mesma comparação, para 9,8 bilhões de dólares, à medida que os embarques refletiram uma menor oferta em função da quebra de safra no centro-sul e também um interesse de venda limitado, por conta dos preços mais baixos diante da robusta oferta da commodity no mercado internacional.

As vendas externas de milho também caíram de forma acentuada, após o Brasil exportar volumes recordes no ano passado. Entre outubro de 2013 e setembro de 2014, o Brasil exportou o equivalente a 4,35 bilhões de dólares do cereal, baixa de 36,8 por cento, com um recuo nos volumes e nos preços.

As exportações do agronegócio no acumulado de 12 meses só não recuaram mais porque setores como a soja estão exportando valores recordes --em 12 meses, somaram 32,57 bilhões de dólares (grão, farelo e óleo), alta de 6,6 por cento na comparação com o período anterior.

Os embarques de carnes subiram no período 3,1 por cento, para 17,24 bilhões de dólares, com impulso da carne bovina, cujas vendas acumularam alta de 11,6 por cento, para 7,13 bilhões de dólares.

---



## **Etanol no Brasil guiará mercado de açúcar. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 14/10/2014**

É provável que, nos próximos meses, poucas notícias influenciem mais os contratos futuros de açúcar em Nova York do que o cenário para o etanol no Brasil. Sem considerar câmbio e notícias de outros países produtores da commodity, as medidas envolvendo o biocombustível após o período eleitoral brasileiro - sobretudo o reajuste do preço da gasolina e o aumento do percentual de mistura de anidro na gasolina - têm potencial para elevar as cotações do açúcar no exterior.

Ainda que ninguém saiba exatamente poderá acontecer, as usinas instaladas no país estão animadas. Afinal, o candidato do PSDB à presidência, Aécio Neves, já declarou inúmeras vezes que dará apoio ao etanol, enquanto o ministro da Fazenda do atual governo Dilma, Guido Mantega, sinalizou recentemente que será preciso reajuste a gasolina. Além disso, são sólidas as perspectivas de que haverá um aumento de 25% para 27,5% do percentual de mistura de anidro no combustível fóssil.

Bruno Lima, especialista em gerenciamento de risco da consultoria FCStone, diz que a safra nos principais países produtores de açúcar no ciclo mundial 2014/15, iniciado em 1º de outubro, ainda não começou efetivamente. Segundo ele, as notícias sobre estiagem também tendem a alterar pouco os rumos desse mercado. "O que não parece ainda 'precificado' são essas medidas para o etanol", avalia. Lima observa, no entanto, que esses anúncios dariam algum suporte aos preços da commodity em Nova York, mas ainda limitado por um mercado que, no momento, continua com superávit.

Se for desconsiderada qualquer outra notícia externa ligada ao açúcar - oferta e demanda mundial ou câmbio -, o reajuste da gasolina e a elevação da mistura de anidro na gasolina teriam potencial para elevar as cotações internacionais do açúcar a patamar entre 17,50 e 18 centavos de dólar, nos cálculos de Lima. Ontem, em Nova York, os contratos para maio fecharam a 16,96 centavos.

No mercado, estima-se que o enxugamento da oferta de açúcar no Centro-Sul do Brasil em 2015 poderá chegar a 3,5 milhões de toneladas caso as duas medidas de apoio ao sejam adotadas. O cálculo considera demandas adicionais de 1,2 bilhão de litros de anidro e de 1 bilhão de litros e hidratado, que ganhará competitividade em caso de reajuste da gasolina.

Enquanto essas medidas continuam indefinidas, as usinas se concentram em tentar estimular o consumo de etanol hidratado. Nas últimas semanas, a Unica, que representa as usinas do Centro-Sul, lançou sua campanha publicitária em defesa do uso do biocombustível. A estimativa é que é preciso ampliar as vendas mensais de hidratado em 100 milhões de litros, para 1,2 bilhão, para que os preços sejam suficientes para cobrir os custos de carregar o biocombustível ATÉ a entressafra, que começará em dezembro.

Dados da Unica mostram que a demanda por hidratado nos postos segue em queda. Em setembro, foram 1,152 bilhão de litros, 1,8% menos que no mesmo mês de 2013. Desde o início da safra atual, em abril, as vendas estão 5% menores, em cerca de 6,4 bilhões de litros. Mas, segundo, Tarcilo Rodrigues, diretor da trading de etanol Bioagência, antes

de tudo é preciso que o tamanho da safra de cana no Centro-Sul seja conhecido com precisão.

Ele explica que, neste momento, as previsões já divulgadas variam de uma moagem de 540 milhões a 560 milhões de toneladas de cana-de-açúcar no Centro-Sul. A estimativa que considera a necessidade de ampliar o consumo mensal de etanol em 100 milhões de litros leva em conta um processamento de 560 milhões de toneladas de cana. "Se a moagem efetiva for de 550 milhões, com um mix de 60% para o biocombustível, a produção seria reduzida em 480 milhões de litros, o que mudaria as projeções de oferta de etanol", diz Rodrigues. Ele acredita que até meados de novembro a safra estará mais clara - e as projeções serão mais consistentes.

---

### **Continua a pressão por apoio ao etanol. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 22/10/2014**

Apesar de ser encarado por muitos analistas como apenas temporário, o fim da defasagem entre os preços da gasolina nos mercados doméstico e internacional reduziu as expectativas dos produtores de etanol em relação a um eventual reajuste do combustível no país após o segundo turno da eleição presidencial. O cenário, contudo, reacendeu as discussões com o governo de que o momento pode ser propício para a retomada da cobrança da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) na gasolina. Segundo fontes do segmento, o Planalto poderá adotar a medida ainda neste ano.

Neste momento, a gasolina vendida no Brasil está 2,1% mais cara que a comercializada no mercado internacional. Esse percentual tende a ficar entre 5% e 16% nos próximos três a quatro meses, a depender das cotações do barril do petróleo e do câmbio, segundo cálculos da Datagro. Porém, Plínio Nastari, presidente da consultoria - que ontem promoveu o segundo e último dia de sua conferência anual, em São Paulo -, destacou que, na média, de janeiro a setembro deste ano o preço da gasolina no mercado interno ficou 17,5% mais baixo que no front externo.

A remuneração oferecida às usinas pelo etanol hidratado, que é usado diretamente nos tanques dos veículos, depende diretamente do preço da gasolina. Um reajuste no derivado fóssil, portanto, teria reflexos diretos nas margens do hidratado. Para manter sua competitividade, o etanol hidratado tem de custar, nos postos, no máximo 70% do valor cobrado pela gasolina, em um cálculo que leva em consideração a diferença média de rendimento energético entre os dois combustíveis.

Independentemente dessa discussão, o presidente da Raízen, Vasco Dias, discorda que a defasagem entre os preços da gasolina no país e no exterior tenha de fato acabado. "A diferença entre o preço interno da gasolina e o internacional está em 8%. Há um grande efeito do dólar", observou o executivo durante o evento da Datagro. Assim, afirmou Dias, um aumento da gasolina terá que ser feito, seja qual for o próximo presidente.

Na visão de Plínio Nastari, o fim da defasagem não enfraquecerá a posição dos que defendem o reajuste da gasolina no mercado interno. "Há uma grande necessidade de recomposição do caixa da Petrobras. Disso depende a recuperação de sua capacidade de crescimento", disse.

Luiz Mendonça, presidente da Odebrecht Agroindustrial, braço sucroalcooleiro da Organização Odebrecht, é um dos que acreditam que a redução da defasagem - que, para ele, é temporária -, pode estimular o governo brasileiro a tentar recuperar a competitividade do etanol por meio da volta da cobrança da Cide na gasolina. Além disso, afirmou, o momento é propício para, finalmente, o governo implantar uma fórmula que permita um alinhamento maior entre os preços da gasolina no país e no exterior.

Segundo as fontes que afirmam que o governo estuda o retorno da Cide na gasolina - a cobrança chegou a ser equivalente a R\$ 0,28 por litro, em janeiro do ano passado -, o processo será gradativo. O valor da cobrança da Cide no combustível fóssil começou no começo de 2012, e a contribuição foi zerada em julho de 2013, para amortecer os reajustes feitos nas refinarias.

Para Luís Roberto Pogetti, presidente do conselho de administração da trading Copersucar, o segmento sucroalcooleiro não pode abrir mão do etanol hidratado. Em 2014, notou o executivo durante a conferência da Datagro, esse mercado será de 16 bilhões, ou R\$ 21 bilhões. "É o equivalente a 20 milhões de toneladas de açúcar. Se a situação está difícil com o hidratado, sem ele o setor sucumbe", afirmou ele.

---

### **Brasil dobrará importações de etanol por causa da seca, diz Datagro. Reuters – Folha de São Paulo, Mercado. 23/10/2014**

O Brasil deverá dobrar as importações de etanol na temporada 2014/15 na comparação com a safra anterior, para 600 milhões de litros, numa temporada de quebra de produção de cana devido à seca e com o setor se preparando para uma entressafra mais longa no centro-sul, avaliou nesta quinta-feira a consultoria Datagro.

Do total, a região centro-sul deverá importar 180 milhões de litros, e o Norte/Nordeste outros 420 milhões.

Na temporada passada, as importações do centro-sul somaram 60 milhões de litros, enquanto as do Norte/Nordeste atingiram 250 milhões de litros.

"No centro-sul, (as importações) já começaram. No Norte/Nordeste, também", declarou o presidente da Datagro, Plínio Nastari, em entrevista ao Trading Brazil, chat da Thomson Reuters.

Tradicionalmente, o Brasil importa etanol dos Estados Unidos, o maior produtor global do biocombustível.

#### *SECA*

As importações, que incluem maiores volumes para a região centro-sul do Brasil, que responde por cerca de 90% da produção de cana do Brasil, ocorrem em meio a uma menor oferta do produto por conta da quebra de safra pela seca.

A produção de etanol na região deverá ficar em 24 bilhões de litros, 6,14% menos que em 2013/14, segundo a última previsão da União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica), que nesta quinta-feira (23) confirmou que esta safra terminará antes do normal, resultando em uma entressafra mais longa.

Segundo a Unica, 22 usinas do centro-sul já encerraram os trabalhos desta temporada, contra seis usinas paradas no mesmo estágio da temporada passada.

Com uma oferta menor e uma entressafra mais longa, o presidente da Datagro estima também um aumento de mais de 10 por cento nos preços do etanol ante os valores atuais durante a entressafra, o que acaba viabilizando maiores importações.

"A Datagro trabalha com um pico de 12% acima dos níveis atuais na entressafra... mas um aumento não muito acima do normal. É até o momento moderado levando em conta a curva de sazonalidade de preço safra/entressafra", afirmou Nastari.

O indicador do etanol anidro (misturado obrigatoriamente à gasolina) calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) atingiu R\$ 1,3061 por litro na semana passada.

### *CONSUMO MAIS FRACO*

As importações maiores deverão ocorrer apesar de um consumo mais fraco no Brasil, em meio a uma redução da atividade econômica, destacou Nastari.

"O mercado de combustíveis no Brasil enfraqueceu por conta da redução da atividade geral na economia e isto deve continuar nos próximos meses...", disse o consultor.

"Este enfraquecimento, no entanto, não deve diminuir a intenção de produzir etanol no fim da safra 14/15 e também na safra 15/16, tendo em vista o fato de que teremos uma entressafra mais longa com a necessidade de acumulação de estoques maiores nesse momento para fazer frente ao abastecimento até o retorno das atividades em abril/maio (no centro-sul)", acrescentou ele.

Para a safra que vem, a propósito, Nastari disse que o chamado "mix de produção", o percentual da matéria-prima destinada à fabricação de açúcar ou etanol, tende a ser "ligeiramente mais alcooleiro".

"Esse cenário leva em conta a expectativa de que nos próximos meses o mercado mundial de açúcar continuará pressionado pelos elevados estoques mundiais e ao mesmo tempo em que existe a real possibilidade de recuperação da competitividade do etanol hidratado em relação à gasolina", disse ele, acreditando que isso ocorreria por possível reajuste de preço da gasolina no mercado doméstico ou pelo retorno, mesmo que parcial, da cobrança da Cide (tributo federal).

### *AÇÚCAR*

A produção de açúcar do centro-sul na próxima temporada (2015/16) foi projetada recentemente pela Datagro entre 29,1 milhões e 31,3 milhões de toneladas, menor ou praticamente estável ante a safra atual (2014/15).

Caso o ponto mais baixo da estimativa seja alcançado, a produção de açúcar do centro-sul poderia ser a menor desde a safra 2009/10, quando somou 28,6 milhões, comparando as projeções da Datagro com dados históricos da Unica.

O resultado seria decorrente da menor disponibilidade de cana, após uma seca em 2014 que deverá afetar também a temporada que vem, além da perspectiva do "mix" mais alcooleiro.

A moagem de cana-de-açúcar do centro-sul do Brasil em 2015/16 está estimada pela Datagro entre 520 milhões e 560 milhões de toneladas, ante 550 milhões em 14/15 e 597 milhões em 13/14.

O ponto alto da estimativa da Datagro leva em conta a confirmação de chuvas mais volumosas previstas pela meteorologia e a continuidade das precipitações durante a entressafra de cana, o que ajudaria na recuperação dos canaviais afetados pelo tempo seco deste ano.

---

### **Etanol brasileiro perde espaço na Califórnia. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 30/10/2014**

Estado mais "verde" dos Estados Unidos, a Califórnia dá sinais de que as vantagens econômicas concedidas ao etanol de cana-de-açúcar do Brasil podem ter vida curta. Esse mercado, que já pagou prêmios altos ao etanol brasileiro por valorizar seus benefícios ambientais, começa a criar condições para equiparar o etanol de milho aos mesmos níveis de baixa emissão de CO<sub>2</sub> que eram exclusivos até então do biocombustível brasileiro.

As dúvidas sobre a condição brasileira de abastecer a demanda californiana nos próximos anos, somadas ao forte lobby da indústria de etanol de milho dos EUA, influenciaram o Conselho de Qualidade do Ar da Califórnia (CARB, na sigla em inglês) a propor a revisão de alguns critérios de medição dessa pontuação ambiental.

A revisão tende a beneficiar em cerca de 5 pontos o etanol de milho a partir de 2016. "Apesar de também melhorar a pontuação do produto brasileiro, o efeito prático disso é que tem sido possível cumprir o mandato na Califórnia com etanol de milho", diz o presidente da maior trading global de etanol, a Copersucar, Paulo Roberto de Souza.

A Califórnia estabeleceu a meta de reduzir em 10% as emissões de CO<sub>2</sub> até 2020 (contados a partir de 2011). Mas, em vez de especificar o volume a ser misturado à gasolina ano a ano, como fazem outros Estados americanos, a Califórnia estabeleceu uma meta anual de redução de emissões, deixando para o mercado escolher como ela será cumprida - com etanol de cana, de milho ou biodiesel. Para isso, criou uma metodologia própria de classificação ambiental para cada combustível, que gera uma espécie de pontuação, conhecida como CI (CarbonIntensity).

Enquanto o CI da gasolina é de emissão de 99.18 gramas de CO<sub>2</sub> equivalente por megajoule (MJ), o do etanol de milho americano é de 90.1 gramas e o do etanol de cana do Brasil pode variar de 58.4 a 71.3 gramas/MJ - a depender do nível de mecanização e de cogeração de energia elétrica da usina produtora.

Com essa melhor pontuação ambiental, o etanol de cana do Brasil passou a ser o preferido pelas misturadoras de combustíveis da Califórnia, já que, nesse caso, é preciso adicionar um volume menor de litros para cumprir a meta em relação ao etanol de milho. Por isso, elas vinham pagando prêmios elevados pelo etanol brasileiro. O pico

foi alcançado em 2013, quando uma usina certificada do Brasil que exportava para a Califórnia chegou a obter uma remuneração R\$ 242/m<sup>3</sup> acima do que se tivesse vendido no mercado brasileiro e R\$ 96 a mais do que se tivesse exportado, por exemplo, para outro Estado americano, como a Flórida. Em meados de 2013, verão americano, o etanol anidro na usina em São Paulo era negociado a R\$ 1.300/m<sup>3</sup>.

Agora, além de as cotações do etanol americano estarem muito baixas nos Estados Unidos - o que torna o etanol de cana menos competitivo -, algumas usinas de etanol de milho vêm melhorando a pontuação ambiental na Califórnia. É o caso da gigante Pôet que obteve para uma de suas unidades um CI muito próximo ao do etanol de cana do Brasil, ao redor de 60 gramas/MJ, por ter incorporado inovações ambientais na planta. "Está chegando agora a oferta das usinas de etanol celulósico dos Estados Unidos. O etanol de cana não está mais sozinho", afirma o executivo da Copersucar, que controla nos Estados Unidos a trading de etanol Ecoenergy.

Neste ciclo 2014/15, o Brasil deverá exportar para a Califórnia metade das 363 milhões de litros que embarcou em 2013/14. Em 2015/16, esse volume deve se aproximar de zero, nas previsões da Copersucar. "O programa original da Califórnia indicava uma necessidade significativa de etanol de cana a partir de 2015 para cumprir o mandato. Com as novas discussões em andamento, essa necessidade surgiria apenas em 2018", avaliou Souza.

Há algumas semanas, o CARB consultou oficialmente a União das Indústrias de Cana-de-Açúcar (Unica), que representa as usinas do Centro-Sul do Brasil, sobre as condições de suprimento de etanol de cana nos próximos anos. O CARB estima uma demanda em 2020 para uma oferta de etanol do Brasil entre 3 bilhões e 6,6 bilhões de litros. O posicionamento da Unica, afirmou a entidade em nota, é que, "em havendo a demanda e os incentivos financeiros adequados, o setor no Brasil já demonstrou dinamismo suficiente para atender os volumes estimados".

O presidente da Copersucar explica que o encolhimento da produção de cana-de-açúcar no Brasil nas últimas safras vem influenciando as discussões na Califórnia. Há também o forte lobby das usinas de etanol de milho dos EUA.

Neste mês, o vice-presidente da associação que representa o setor (RFA), Geoff Cooper, publicou artigo no site da entidade no qual critica duramente a posição do CARB de achar que "o mercado será inundado de etanol de cana do Brasil".

Ele destacou a escassez de etanol no mercado brasileiro e afirmou que importações são economicamente pouco competitivas com o etanol de milho. "Em 2011, o CARB projetava que as misturadoras da Califórnia usariam em 2014 de 80 milhões a 400 milhões de galões de etanol de cana na gasolina (de 300 milhões e 1,5 bilhão de litros). Mas de janeiro a agosto deste ano, as importações foram de apenas 7,9 milhões de galões (29,9 milhões de litros)", afirmou.

---

**Coordenador**  
Sergio Leite

**Pesquisadores**

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,  
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,  
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,  
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,  
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

**Assistentes de Pesquisa**

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

**Secretária**

Diva de Faria



**cpda** Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais  
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade  
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa